

os pioneiros

GLP

meio século
de história

**Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

P734 Os Pioneiros do GLP : meio século de história. --
São Paulo : CL-A Comunicações S/C Ltda., 1987.
2ª edição, 1990.

Homenagem promovida pelo Sindigás-Sindicato das
Indústrias Distribuidoras de Gás Liquefeito de Pe-
tróleo.

1. Empresários - Biografia 2. Gás liquefeito de
petróleo - História 3. Indústria de gás liquefeito de
petróleo - Brasil I. Sindicato das Indústrias Dis-
tribuidoras de Gás Liquefeito de Petróleo.

87-2125

CDD-665.773092
-665.7730981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Bujões de gás : História 665.7730981
2. Brasil : Gás engarrafado : História 665.7730981
3. Brasil : Gás liquefeito de petróleo : História
665.7730981
4. Empresários do gás engarrafado : Biografia e obra
665.773092
5. Gás engarrafado : Empresários : Biografia e obra
665.773092
6. GLP no Brasil : História 665.7730981

os pioneiros

GLP

meio século
de história



índice

Prefácio da segunda edição	5
Apresentação da primeira edição	7
glp - uma idéia moderna com 200 anos	9
Os Pioneiros	
Os Igel	13
Wilson Lemos de Moraes	23
Edson Queiroz	33
Liquigás	41
Domiciano José Lemos	45
Antonio de Carvalho Lage Filho	51
Os Zahran	59
Os Benchimol	67
Onofre Quinan	73
Os Zacharias	79
Homenagem	87
Os Mangels	89
Os grandes números	
Gráficos e informações	93
Postácio do Editor	101



prefácio segunda edição

Em 1987 meu antecessor na presidência do Sindigás teve a feliz idéia de editar um livro contando como nasceu o setor de distribuição de gás liquefeito de petróleo no Brasil, e como seus pioneiros construíram empresas bem sucedidas a partir de pouco capital, muita iniciativa, criatividade e disposição para o trabalho.

Na época da primeira edição do livro e do 50º aniversário do setor, a distribuição de glp já era o serviço público, ou de utilidade pública, que mais pessoas atendia no Brasil. Cobrindo mais de 83% dos lares do país — além de hospitais, creches, estabelecimentos comerciais e industriais — a distribuição do gás engarrafado atingia mais pessoas que o serviço de eletricidade — o segundo em abrangência. E incomparavelmente mais do que a distribuição de água encanada, coleta de lixo ou tratamento de esgoto.

O último lustro (85/89) foi muito difícil para o setor, como para praticamente todos os segmentos da economia com preços e tarifas administrados pelo governo. Buscando controlar a inflação, os diversos responsáveis pela política econômica adotaram a solução equivocada de reajustar essas tarifas em níveis sempre inferiores às taxas inflacionárias. Com isso, o preço do glp para o consumidor caiu mais de 65% em cinco anos, com prejuízos evidentes para a Petrobrás — fornecedora única do produto a granel — para as 18 companhias distribuidoras e para seus representantes e empregados.

Apesar disso, o setor conseguiu continuar acompanhando o crescimento populacional do país, sua crescente urbanização, e mesmo possibilitar uma substituição adicional dos fogões a lenha e carvão por glp. Em 1990 estima-se, com base nos levantamentos do IBGE (PNAD) e do Sindigás, que cerca de 87% dos 32 milhões de lares no país dependem do glp para cozinhar seus alimentos.

Entre 1988 e 1990 o Sindigás deu andamento a um projeto de abertura e troca de informações com a sociedade, o governo e a imprensa, de modo a permitir melhor avaliação e tornar mais conhecido o serviço que presta à população, informá-la sobre as dificuldades conjunturais do lustro 1985-1989 e sobre os riscos e as alternativas decorrentes.

Como parte desse esforço de informação e participação, o setor manteve permanente contato com as áreas do executivo e legislativo, apresentando sugestões e cooperando para uma reformulação dos sistemas de cálculo de tarifas e de sua recomposição. Com isso, a situação a partir de 1990 voltou a tornar-se mais promissora.

Ao mesmo tempo, o Sindigás deu continuidade ao esforço de divulgação e participação internacional, que incluiu o Brasil na direção da Associação Iberoamericana de Gás Licuado del Petróleo (AIGLP) e trouxe para São Paulo, em 1987, a II Assembléia da entidade. Assim, o setor participou dos eventos realizados pela AIGLP em 1988 na Colômbia e em 1990 no Uruguai. Também foi ativo no World LPG Forum, demonstrando em 1989, em Mônaco, como funciona o sistema de entrega domiciliar automática de gpl no Brasil — o mais extenso e aperfeiçoado do mundo.

Essa atividade internacional do Sindigás chamou a atenção dos outros países para a importância e eficiência do trabalho aqui realizado pelas 18 empresas associadas, que distribuem cerca de 4% do volume bruto de gpl produzido no mundo e 8,5% do volume destinado à utilização doméstica.

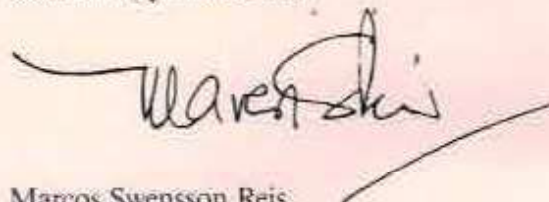
Como decorrência, o presidente do Sindigás é um dos três coordenadores da Conferência do World LPG Forum em 1990 (na Austrália), e o Brasil sediará esse evento em 1991.

E o tema brasileiro na Austrália — A distribuição de gpl no Vale do Alto Amazonas — mostra a importância ecológica que o gás liquefeito vem

tendo como substituto da queima de madeira, hoje uma das grandes preocupações mundiais. Na verdade, o uso generalizado do gpl no Brasil evitou a derrubada de florestas para uso como combustível doméstico, fenômeno que responde pela devastação de matas e árvores nativas em extensas áreas do Terceiro Mundo. O Secretário de Ciência e Tecnologia do Brasil, professor José Goldemberg, calcula que um botijão de gpl de 13 kg — consumo mensal familiar médio no país — substitui a queima de 10 árvores de porte médio. Como o consumo doméstico de gpl no Brasil é de 300 milhões de botijões/ano, é fácil estimar a devastação que teria ocorrido se a partir de 1937 os pioneiros do gpl não tivessem tido sucesso na introdução do hábito de cozinhar com gás liquefeito.

Reeditamos agora o livro lançado em 1987, mantendo intacta sua estrutura original, inclusive os grandes números do setor, uma vez que o objetivo era contar a história dos primeiros 50 anos do gpl no Brasil. Acrescentamos apenas este prefácio e um quadro (pág. 11) com as atuais 18 empresas associadas ao Sindigás.

São Paulo, julho de 1990



Marcos Swensson Reis
Presidente do Sindigás



apresentação primeira edição

A

idéia de se escrever um livro sobre a introdução e o desenvolvimento do popular botijão de gás no país não tinha, como objetivo principal, o de informar as várias fases de um processo mercadológico que modificou de maneira profunda o modo de viver das famílias brasileiras.

Nestes cinquenta anos de existência, o botijão de gás de cozinha representou sociologicamente, em determinados momentos da organização familiar, um importante elemento modificador de procedimentos e costumes trazendo uma melhoria do próprio *status social*.

A passagem do uso do carvão, do querosene, da lenha, com todos os seus conhecidos inconvenientes, para o botijão de gás, revolucionou de tal forma os hábitos, que influiu na melhoria do padrão de vida do brasileiro.

Combustível versátil, limpo, de alto poder calorífico e acima de tudo muito barato, uma vez superada a fase da segurança de continuidade do abastecimento, o seu consumo se desenvolveu de maneira geométrica. Hoje, quando se comemora o cinquentenário do primeiro botijão vendido, seu uso atinge a quase totalidade dos lares brasileiros.

Utilizado inicialmente apenas como combustível doméstico, foi fator decisivo no nosso desenvolvimento industrial, comercial e agropecuário, quer como matéria prima, quer como fonte de calor.

Muitos dos nossos produtos de exportação puderam concorrer no mercado mundial, graças a utilização do gás liquefeito de petróleo, o conhecido *glp*, o gás de cozinha.

Cada botijão de gás consumido representava menos queima de carvão e lenha, contribuindo para que milhões de árvores fossem preservadas, evitando o desmatamento, a erosão e

possibilitando a conservação do clima. Enfim, foi fator decisivo na defesa da ecologia do país.

O serviço de distribuição de gás de botijão, considerado de utilidade pública essencial, é o único no país administrado pela iniciativa privada e tem padrão de qualidade reconhecido internacionalmente.

Hoje, ao nos debruçarmos sobre o mapa do Brasil e contemplarmos os seus 8,5 milhões de km², com uma população de 130 milhões de habitantes, distribuída em mais de 5 mil municípios, podemos dizer, sem medo de errar, que em cada município, de norte a sul, de leste a oeste, encontraremos o botijão de gás.

Onde ainda não chegou a luz, a água, o esgoto, o botijão de gás está presente; no extremo sul e na Amazônia, no litoral e no Planalto Central. Transportado de navio, de trem, por rodovia, no lombo dos burros..., o infalível botijão de gás está sempre presente.

Mas, como dissemos no início, este livro não tinha como objetivo principal descrever os aspectos materiais que o setor de distribuição do gás de botijão percorreu desde 1937 até o presente, comemorando o seu cinquentenário, mas homenagear o homem, os pioneiros do gás.

Homens simples, muitas vezes de origem humilde, representantes do caldeirão de raças de imigrantes. Destemidos desbravadores de negócios, que, como verdadeiros bandeirantes do progresso, levaram o conforto e o calor de uma chama de gás, superando obstáculos geográficos, desafiando distâncias em uma época de dificuldades de toda ordem, como era o Brasil de cinquenta anos atrás.

Esses pioneiros que conheci bem a cada um, pois tive a ventura de conviver com eles nos últimos 30 anos, aqui neste livro serão retratados: as suas vidas, as suas origens, as suas histórias,

os seus sucessos e insucessos, enfim, o difícil percurso de cinquenta anos de trabalho.

São aqui registrados para sempre, a vida e o destino de homens e famílias, com seus defeitos e qualidades; aqui se espelhará não somente a obra incontestada, mas a ação desses pioneiros que, sem dúvida, participaram e influenciaram no desenvolvimento e na história deste país.

São Paulo, outubro de 1987



Jacyntho Guaglianone
Presidente do Sindigás

glp - uma idéia moderna com 200 anos



Ilustração de 1937.

A idéia de engarrafar gás não é nova. Em 1810, um inglês, residente em Londres, chega a vender alguns cilindros de gás comprimido. Em 1870, lanternas para veículos são produzidas dentro do mesmo sistema. Outro processo semelhante é desenvolvido, em 1907, pelo alemão Herman Blau.

Ele utiliza o gás resultante do craqueamento de óleo. O líquido obtido chega a ser utilizado em iluminação e cozinha, mas apresenta muitos inconvenientes, como o mau cheiro e o alto custo de transporte.

O primeiro glp é produzido na refinaria da Riverside Oil Co. Quem tem a idéia de condensar os gases que se perdem no processo de refino da gasolina é o Sr. A.N. Kerr, diretor da refinaria. Sob sua supervisão, um jovem engenheiro, Hermann Stukeman, conduz a primeira experiência, que resulta na produção de 200 galões de glp. O fato tem data e está registrado num relatório de 24 de dezembro de 1910.

No verão de 1911, J.F. Richardson, na Pensilvânia, inaugura a utilização industrial do glp alimentando maçaricos para corte de aço. Um ano depois, em maio de 1912, na casa do cidadão John Garing, em Waterford, também na Pensilvânia, é realizada a primeira instalação doméstica de glp.

Em 1920, a Carbide lança no mercado a marca Pyrofax. É o início da verdadeira propagação do uso do glp. Entre 1927 e 1930 entram também no mercado grandes empresas: Phillips Petroleum, Standard Oil e Shell, entre outras.

Na Europa, o processo é mais lento, especialmente pelo suporte que a produção de carvão dá a todo o processo industrial e de calefação doméstica. As refinarias são um empreendimento tipicamente americano e só ali poderia

surgir e se desenvolver o uso intensivo do glp. É importante notar que o Brasil é dos primeiros países a adotar o glp como combustível doméstico — pouco menos de uma década após a sua grande penetração no mercado norte-americano.

Hoje podemos perceber que a idéia de se engarrafar gás é um conceito extremamente moderno, surgido e desenvolvido numa época em que o fornecimento de gás encanado iluminava e aquecia grande parte do mundo. A atualidade desse conceito, sua versatilidade e imensas perspectivas futuras podem ser bem avaliadas neste final de século 20, quase 200 anos após as primeiras e precárias tentativas do pioneiro inglês de 1810.

Em 1936, quando o glp chega ao Brasil, o país conta com uma população de 36 milhões de habitantes. Somente duas cidades — Rio de Janeiro e São Paulo — têm mais de 1 milhão de habitantes. As duas metrópoles são em parte abastecidas por gás encanado, produzido a partir de carvão de pedra, introduzido no país no início do século. A rede de gás de rua é proporcionalmente muito mais extensa do que hoje, mas se mantém dentro do perímetro urbano, que corresponde atualmente às zonas centrais e aos bairros mais próximos. A população dos bairros novos e as camadas mais pobres da periferia usam lenha para cozinhar.

Nas demais cidades do país, com exceção do Recife (Pernambuco) não existe rede pública de abastecimento de gás. Cozinha-se com lenha ou são usados, para pequenas refeições, fogareiros a álcool ou a querosene.

Em 1937, a Empresa Brasileira de Gaz a Domicílio (futura Ultragas) começa a colocar no mercado os primeiros botijões de glp vendidos no Brasil. Em 1939, 395 famílias cariocas

já consomem gás engarrafado, número que passa a 5.160 em 1942.

Durante os anos da guerra, o comércio se torna problemático. Tudo depende de importação: gás, fogões, aquecedores, bem como outros equipamentos ainda não fabricados pela indústria nacional. Apesar das dificuldades, o fornecimento é assegurado aos consumidores da época. Finda a guerra, a situação melhora substancialmente. Em 1946, funda-se no Rio a Esgo-Gás, subsidiária da Standard Oil. A entrada da nova companhia no ramo demonstra que o mercado se expande rapidamente. Em 1949, a Ultragas associa-se à Socony Vacuum, visando o aproveitamento de navios de guerra para transporte de glp a granel. Até então, o gás importado pelo Brasil vem em vasilhames empilhados sobre o convés, o que torna pouco econômica a operação. Em consequência desse acordo são construídos os primeiros terminais de gás no país: no Rio de Janeiro e em Santos, com capacidade de armazenagem de 1.440 toneladas cada um. O consumo nacional nesta altura ultrapassa a casa de 100 mil toneladas anuais, contra apenas 30 toneladas em 38.

Na década de 50 começa a produção de glp pela Petrobrás. Dessa época em diante, começam a surgir outras companhias no ramo, até então explorado apenas pelas duas empresas pioneiras, sendo que a Esgo-Gás já se transformara em Gasbrás, hoje Supergasbras.

Constituída a base de produção e fornecimento regular, os níveis de consumo não param de crescer. Além de abastecer os fogões, o glp começa a ser utilizado como combustível para aquecedores de água e também em escolas, hospitais, hotéis e clubes. No setor industrial, passa a ser utilizado na produção de plásticos, sendo aplicado no aquecimento controlado das máquinas de injeção, permitindo as-

sim a produção dos primeiros brinquedos nacionais. A seguir, começa a ser também utilizado com vantagem na indústria têxtil e na indústria vidreira. A partir de 1962, o setor de vidro plano passa a ser o maior consumidor de glp industrial no Brasil. Com o advento da indústria de aparelhos eletrodomésticos, que passa a absorver grandes volumes de peças injetadas em metal leve, começa o ciclo mais importante da utilização do glp na área industrial.

Depois da criação da Frota Nacional de Petroleiros (Fronape), vinculada à Petrobrás, o transporte marítimo deixa de ser feito apenas pelas companhias particulares. Todo o gás produzido no país é distribuído através da empresa estatal.

As atividades das empresas distribuidoras de glp no Brasil são controladas pelo Conselho Nacional de Petróleo. O CNP tem atribuições essencialmente normativas, cabendo-lhe harmonizar os objetivos e disciplinar a ação de todos os órgãos e empresas do setor de derivados de petróleo.

Para recebimento do combustível, todas as companhias possuem parques de armazenamento próprios, localizados em áreas estratégicas. Para garantir a segurança de fornecimento nas áreas de maior consumo, as empresas que nela operam se associam em *pools*.

As distribuidoras de glp dão também outro tipo de contribuição de grande importância para o desenvolvimento industrial do país. A expansão do consumo e as dificuldades de importação dos botijões e outros equipamentos representa forte estímulo para as indústrias metalúrgicas e fundições de aço. Igualmente estimulada é a indústria de fogões. Em todos estes setores o país é atualmente um grande centro exportador. Graças à iniciativa dos pioneiros cuja aventura se conta neste livro.

As 18 distribuidoras associadas ao Sindigás em 1990

empresa	sede	ano da fundação
Ultragaz	São Paulo-SP	1938
Supergasbrás	Rio de Janeiro-RJ	1946
Norte Gás		
Butano	Fortaleza-CE	1951
Liquigás	São Paulo-SP	1953
Copagaz	Campo Grande-MS	1955
Minasgás	Rio de Janeiro-RJ	1955
Paragás	Belém-PA	1955
Plenogás	Londrina-PR	1955
Gasônia	Manaus-AM	1956
Fogás	Manaus-AM	1956
Petrogaz	Campinas-SP	1957
Onogás	Goiânia-GO	1962
Servgás	Presidente Prudente-SP	1964
Gasbel	Varginha-MG	1966
Bahiana/ Brasilgás	Salvador-BA	1975
Multigás	Porto Alegre-RS	1976
Tropigás	Belém-PA	1983
Novogás	Recife-PE	1984

